



RISCOS



IV SIMPÓSIO IBERO-AFRO-AMERICANO DE RISCOS
PROCESSOS E VULNERABILIDADES GLOBAIS, AMEAÇAS/RISCOS E ESTRATÉGIAS LOCAIS

161

Dora Calado

Agrupamento de Escolas Madeira Torres (Portugal)
dora.calado@madeiratorres.com

Num mundo em que as alterações climáticas e suas consequências são já uma realidade, urge trabalhar no sentido de mudar atitudes e mentalidades. A falsa ideia de abundância que a população dos países desenvolvidos tem perpetua comportamentos que acentuam o já precário equilíbrio dos sistemas terra-ar-água e aumenta o risco a que nos expomos. Tendo em conta o currículo de Geografia e os conteúdos lecionados no 9.º ano de escolaridade, a participação docente no IV Simpósio Ibero-Afro-Americano de Riscos, que integra o curso de formação “Processos e Vulnerabilidades Globais, Ameaças/Riscos e Estratégias Locais” constituiu uma oportunidade de ampliar os conhecimentos e refletir sobre os casos concretos apresentados e que constituem problemas ambientais e sociais. As diferentes abordagens teórico-metodológicas sobre os riscos induzidos por fatores diversos, bem como as propostas de melhoria na gestão dos vários tipos de riscos, permitem que nos adaptemos melhor às alterações do ambiente global que se avizinham. Embora todas as comunicações tivessem grande relevância pedagógico-didática, algumas destacaram-se pelo seu caráter estruturante e global. Foi o caso das conferências de abertura e de encerramento.

Na Conferência de abertura do Simpósio, a e comunicação do Prof. Doutor Omar Dario Cardona, intitulada “*Não podemos evitar os desastres de amanhã a menos que os imaginemos [... dimensionemos...] hoje*” salientou a importância da avaliação do risco para assim diminuir a probabilidade de ocorrência de uma catástrofe. Um fenómeno natural severo não é necessariamente sinónimo de catástrofe. Entenda-se uma catástrofe como um acontecimento suscetível de provocar vítimas e danos avultados, afetando gravemente a segurança, as condições de vida da população e o tecido socioeconómico de um país. A avaliação e a gestão do risco aumentam a nossa capacidade de reação e atuação perante um fenómeno natural ou antrópico adverso. Outra questão muito interessante levantada pelo Prof. Doutor Omar prendeu-se com a reflexão feita sobre a vulnerabilidade, ou seja, o grau de perda do conjunto de elementos expostos em resultado da ocorrência de um evento perigoso.

Como nos tornamos vulneráveis perante um evento natural? Como aumenta e como se acumula a nossa vulnerabilidade? Fatores como a ausência de ordenamento do território, a pobreza, a desflorestação, entre outros são potenciadores da vulnerabilidade. A incorreta ocupação do solo, por exemplo, em vertentes instáveis ou na sua base, aliado a fatores naturais como o declive, a permeabilidade das rochas ou ainda as quantidades de água no solo constituem causas de movimento de vertentes. A comunicação oral intitulada “*Áreas de morros da cidade do Recife: riscos geológicos e a importância da gestão adaptativa*” ilustrou de forma inequívoca, os problemas que podem advir quando a ausência do ordenamento do território se conjuga com o agravamento de fenómenos excecionais de chuvas em regiões de vertentes com forte declive.

Outro exemplo de vulnerabilidade decorrente de uma ordenação do território pouco eficiente ou inexistente foi dado na comunicação oral “*Sob ameaça: um estudo de caso das moradias expostas a inundação no perímetro urbano de Marabá/Pará- Amazônia brasileira*” onde se constatou que “*a grande parte das moradias expostas estão localizadas em regiões da unidade geomorfológica da planície de inundação com altitudes que variam entre 75 m a 92 m. Foi possível observar que as moradias não possuem um padrão de construção único, onde cerca de 75% são feitas de alvenaria e 25% de madeira o que aumenta sua vulnerabilidade estrutural em relação a ameaça de inundação*”. Há necessidade de uma ação coordenada entre o setor público e o setor privado de forma que as políticas ambientais e de ordenamento do território sejam levadas à prática através da implementação medidas que diminuam a vulnerabilidade das populações. À medida de nos tornamos menos vulneráveis, tornamo-nos mais resilientes. Tornamo-nos mais resilientes através do acesso à informação. O conhecimento do nível risco e das medidas de prevenção e proteção dá-nos oportunidade de enfrentar o perigo - manifestação do risco - de uma forma mais eficiente. A resiliência é também vista através da capacidade de antecipar o perigo e desta forma permitir a nossa adaptação a

uma nova realidade. Quando existem falhas no processo conhecimento-medidas de prevenção, facilmente, um fenómeno natural se transforma numa catástrofe.

Na Conferência de Encerramento alusiva à temática *“Resiliência social a desastres, perspectivas e desafios”* o Prof. Doutor Javier Enrique Thomas Bohorquez abordou com grande mestria a questão da resiliência, numa perspectiva que se considerou completar à do Prof. Doutor Omar Dario Cardona. Foram referidas pelo Prof. Doutor três dimensões na resiliência: as condições particulares do sujeito, os vínculos familiares e ao nível da comunidade e a comunidade propriamente dita, ao nível cultural e das instituições. A perspectiva multidimensional conferida à resiliência facilita a definição de planos de atuação locais que se traduzem numa melhor preparação das comunidades para minimizar os danos, de recuperarem e de se adaptarem a uma nova realidade onde a resposta a situações semelhantes será mais eficaz -a resiliência

social. Mais uma vez foram atribuídas causas estruturais à vulnerabilidade. A predominância de desastres relacionados com as inundações (51,67 %) salienta as fragilidades que o ordenamento do território apresenta aliado a um número crescente de fenómenos extremos. Os custos associados quadruplicaram desde 1960 daí ser premente alterar a relação entre a sociedade e a natureza de forma a reduzir custos que, para os países menos desenvolvidos, são incomportáveis.

Num mundo onde os problemas ambientais e os riscos associados são globais, é urgente potenciar a articulação de escalas de atuação a diferentes níveis. Muito tem sido feito, mas muito há ainda por fazer. São exemplo disso são as Cimeiras do Clima, mas igualmente importante, é tornar próximo da sociedade civil a compreensão, as possibilidades de mitigação e de prevenção de catástrofes. Só assim nos podemos tornar menos vulneráveis e mais resilientes perante a adversidade.